

Em Busca da Idade Nova:

Alceu Amoroso Lima e seu projeto de organização social (1928-1937)

Guilherme Ramalho Arduini*

RESUMO: Após assumir publicamente a fé católica em 1928, Alceu Amoroso Lima tornou-se um dos nomes mais importantes na defesa da doutrina social da Igreja no Brasil, sobretudo nos assuntos de natureza política. Ele destacou-se tanto na produção teórica como na ação, graças à sua contribuição para a formação de uma ideologia católica no campo das idéias sociais e de uma extensa rede de sociabilidade, dentro e fora da Igreja. O objetivo deste trabalho é mapear sua atuação nos anos 1930 e 1940 e, para tanto, recorreu-se aos seus escritos publicados na revista "A Ordem", da qual foi editor-chefe durante o período.

Palavras-chave: Alceu Amoroso Lima, Anos 1930-40, Relação Estado-Igreja, Doutrina Social da Igreja

RÉSUMÉ: Après avoir déclaré publiquement sa foi dans le catholicisme, en 1928, Alceu Amoroso Lima est devenu l'un de plus importants figures dans la défense de la doctrine sociale de l'Église au Brésil, surtout dans les sujets de nature politique. Amoroso Lima s'est rélevé soit pour sa production théorique soit par son action, grâce à sa contribution pour la formation d'une idéologie catholique au domaine des idées sociaux et d'un large réseau de sociabilité, à l'intérieur et l'extérieur de l'Église. Ce text a pour but dessiner la carte de son activité durant les années 1930 et 1940, en s'utilisant de ses écrits dans la revue *A Ordem* (L'Ordre), dont il a été le redacteur-chef pendant cette période.

Mots-clés: Alceu Amoroso Lima, Anées 1930-40, Relation État-Église, Doctrine Sociale de l'Église.

Alceu Amoroso Lima já se tornara famoso nos meios intelectuais muito antes de assumir publicamente o catolicismo. Nascido em 1893, esse carioca obteve grande proveito da excelente formação acadêmica de que pôde desfrutar e despontou como influente crítico literário já em sua mocidade. Entretanto, seu ato de fé em 1928 poderia colocar toda esta fama a perder, conforme ele mesmo escreveu:

Optando pela Verdade eu bem sei que arranco de mim mesmo as últimas veleidades de influir sobre 'a nossa geração e o nosso momento', que só amam a ilusão. Sei que me coloco, ao menos na estrutura fundamental de minhas convicções, em oposição ao espírito do tempo. (AMOROSO LIMA, 1928a: 57)

Estas frases fazem parte do primeiro texto que Amoroso Lima, também conhecido como Tristão de Ataíde, escreveu após abraçar publicamente a fé católica. Trata-se de uma

* Mestre. UNICAMP

carta ao seu amigo e também crítico literário, Sérgio Buarque de Holanda, que ficou conhecida pelo título de “Adeus à disponibilidade”. Sua previsão fracassou clamorosamente, pois foi graças à conversão que ele assumiu a condução dos interesses terrenos da Igreja Católica no Brasil, participando da vida pública no país com uma intensidade inédita. Para investigar essa atividade, é preciso compreender melhor a dinâmica da instituição dentro da qual Amoroso Lima se consolidou como presidente e um dos principais nomes.

A criação do Centro Dom Vital esteve intimamente ligada à vontade de Dom Sebastião Leme, quando este assumiu o cargo de bispo auxiliar da Diocese do Rio de Janeiro, no início da década de 1920. Leme viria a tornar-se o cardeal-primaz do país, ou seja, o grau mais alto possível para um eclesiástico no Brasil, com exceção da nunciatura apostólica, tradicionalmente reservada a um italiano. A grande confiança que o Vaticano depositava em seu nome originava-se da conformidade de sua maneira de pensar com aquela ensinada pelo Papa Pio XI. Este, por sua vez, ficou conhecido como o “Papa da Ação Católica”, pois valorizava a atuação dos leigos na reconquista do prestígio social da Igreja, desde que eles se submetessem à obediência estrita à hierarquia.

A criação do Centro representou um momento importante no processo de reconstrução da influência católica no cenário político nacional iniciado com o fim do padroado, em 1891. Mais do que um processo de crise e de perda da influência, a Primeira República significou para a Igreja um momento de reconstrução. Damião Duque Farias e Sérgio Miceli (FARIAS, 1998: 91ss; MICELI, 1988: 153ss) chamam a atenção para a organização de uma cadeia de alianças regionais que habilitaram o clero a renovar sua infra-estrutura física e humana, contando inclusive com a vinda de muitos padres estrangeiros ao Brasil. É difícil precisar o início da constituição deste novo estatuto da Igreja, mas uma data importante foi o ano de 1916, quando o então recém-ordenado bispo de Olinda e Recife, dom Sebastião Leme, publica uma Carta Pastoral na qual conclama todos os católicos a colaborarem para o fim da contradição entre um povo católico e uma liderança política indiferente aos assuntos religiosos.

Este brado repercute no orbe católico e chegou ao Rio de Janeiro, onde influenciou Jackson de Figueiredo, até então conhecido como um crítico literário, a buscar o apoio de Sebastião Leme no intuito de fundar uma revista católica, à qual nomeou *A Ordem*. Figueiredo estava decidido a transformar sua diocese, a principal do país, em cabeça-de-ponte da realização de seus projetos. Portanto, não é mera coincidência que o ano de fundação do Centro, 1922, seja também o da realização de um Congresso Eucarístico, composto por numerosas passeatas, adorações e missas campais. Conforme afirma o estudo de Romualdo

Dias, elas tinham como objetivo demonstrar a força da Igreja na modelação das consciências e na reprodução da ordem social. (DIAS, 1996: 107-132) Dias pesquisa ainda como o poder simbólico destas ocasiões não pode ser negligenciado e complementa a formação doutrinária realizada pelos intelectuais católicos. Esta conclusão se coaduna com a análise de Rodrigo Patto sobre o discurso anti-comunista do Brasil durante as décadas de 1930 e 1940. Para este autor, o elemento religioso seria parte essencial deste discurso, e um grupo em especial contribuiria para sua difusão:

Nos anos 1930, a campanha anticomunista inseriu-se numa estratégia maior da Igreja, que desde a década anterior vinha lutando para recuperar posições perdidas com a implantação da República. (...) Tal movimento convergiu com a organização da intelectualidade católica, sob a liderança de Jackson de Figueiredo e o grupo da revista A Ordem. No primeiro momento os inimigos principais eram o liberalismo, a maçonaria e o positivismo, mas logo os comunistas assumiram o lugar de adversário e concorrente mais perigoso. (MOTTA, 2002: 25-6)

Figueiredo levou o Centro, já em sua primeira década de existência, a optar pela defesa intransigente do poder de repressão do Executivo, durante as agitações políticas e sociais que marcaram a década de 1920. Para aquele intelectual, a base da autoridade seria a vontade divina que permitiu que ela ocupasse essa função. Portanto, tudo que os católicos deveriam fazer seria obedecer a autoridade legítima, esperando que ela retribuísse o apoio governando com justiça. Ao se debruçar sobre o movimento leigo no Brasil, Berenice Brandão concluiu que tal postura de Figueiredo ficou cunhado na opinião pública como aquela adotada pela maioria dos católicos, fato que diminuiu a influência deste grupo e do Centro em particular, no ocaso da Primeira República. Outros estudos, contudo, advogam que a figura mais importante da Igreja durante este período foi o Cardeal Leme, que teria demonstrado uma grande habilidade política na transição da República Velha para o Governo Provisório (BRANDÃO, 1975: 41ss). Vale lembrar que foi ele quem mediu uma solução de compromisso entre as forças revolucionárias e Washington Luís, permitindo que este saísse incólume do Palácio do Catete em troca de sua renúncia a tentar impor a vitória de seu candidato.

Durante a década de 1930, a atuação de Dom Leme nos bastidores associada ao prestígio intelectual de Amoroso Lima fizeram com que a fama do Centro Dom Vital crescesse consideravelmente. Em sua obra sobre o Centro, Margareth Todaro resumiu sucintamente o que representava este prestígio:

Durante os anos de sua influência mais significativa (1932-1945), o Centro Dom Vital rompeu com sucesso a noção de incompatibilidade entre o intelectual e o religioso no Brasil. Ele organizou e inseriu um punhado de intelectuais católicos dedicados na corrente dominante da vida política e intelectual. Por alguns poucos anos ser sócio do Centro Dom Vital consistiu simultaneamente em um símbolo de classe, prestígio, intelectualidade e espiritualidade. (TODARO, 1971: 184)

De acordo com Todaro, foi este prestígio que levou muitos jovens desta época a procurarem o Centro. Outros pesquisadores, entretanto, enxergaram motivações distintas nos associados ao Centro. Sérgio Miceli, por exemplo, acredita que a falta de opções para os postulantes a cargos burocráticos que se apoiaram nas estruturas da Primeira República levou-os a se identificarem com a causa da Igreja. Uma vez que tais cargos eram preenchidos de acordo com critérios de relacionamento pessoal, após a Revolução de 1930 tais postulantes perderam momentaneamente as promessas de ascensão, e podiam encontrar na Igreja um novo padrinho político. (MICELI, 2001: passim). Esta idéia pode ser relacionada a alguns estudos específicos sobre a correspondência de Amoroso Lima, que identifica os pedidos de indicação para cargo como seu assunto principal. (SILVA, 2004)

Ao iniciar sua presidência, no entanto, nada parecia anunciar a amplitude que alcançaria a ação de Amoroso Lima. Em primeiro lugar, pela situação de penúria da revista, pois seu fundador morrera sem dotá-la de uma fonte de receita constante, que tornasse possível sua continuação. (EDITORIAL..., 1928: 6) Foi apenas graças a ele que a publicação pôde estruturar-se com uma periodicidade regular, com uma rede de contribuintes – em artigos e em dinheiro – que normalizasse a situação. Em segundo lugar, porque o Centro não possuía um exemplo a seguir, visto que não encontrava similares no cenário católico nacional.

Em poucas palavras, o Centro Dom Vital era um movimento de uma elite clerical e de leigos que contavam com o apoio do Cardeal Leme, o que lhe garantia uma posição oficiosa, mantida ao longo de todo o período em questão. Esta informação ajuda a compreender a importância de Amoroso Lima como seu presidente e editor chefe d'*A Ordem*, pois em última instância dependia dele a fidelidade às determinações oficiais de não apoiar abertamente nenhum grupo político. Em determinados momentos, sua intervenção foi essencial para manter a unidade do grupo e seu caráter essencialmente apartidário. Um bom exemplo de sua precaução é dada no primeiro número d'*A Ordem* editado sob seu nome:

A Ordem perderá naturalmente o caráter político, que em tempo possuiu, e que só a genialidade do nosso fundador conseguia manter. (...) A Ordem passa agora a ser uma revista católica de cultura geral, visando mais a inteligência que os acontecimentos. (AMOROSO LIMA, 1928a, p. 5)

Estas palavras ganham um novo relevo quando comparadas à linha editorial ditada por Jackson de Figueiredo à revista até aquela data. Não se tratava de dizer que a revista se esconderia dentro de uma torre de marfim, imune à realidade política. Ao contrário, esta desfilaria pelas páginas da revista através da análise constante de seus colaboradores em meio a uma vasta lista de temas cobertos pela revista. Vidas de santos¹ ladeavam extensos artigos sobre teologia ou filosofia²; vez por outra, artigos queriam convencer o leitor da ameaça comunista³ ou sobre a necessidade de unir esforços para transformar a ordem social e cultural do país⁴. Da parte dos autores, era possível perceber uma certa especialização por temas, de acordo com a respectiva área de atuação. Por exemplo, Everardo Backheuser tratava de assuntos ligados à educação⁵, enquanto Amoroso Lima fazia ensaios sobre pensadores católicos⁶. Além disso, havia seções contínuas, como a de variedades, assinada por Perillo Gomes e conhecida como “Registro”, ou das “Letras Católicas”, de autoria de Jônatas Serrano e publicada durante janeiro de 1932 e dezembro de 1934.

Além destas sessões fixas, outras contribuições (de clérigos e leigos) poderiam vir dos locais mais distintos: Aracaju ou Porto Alegre, cidades grandes como São Paulo ou menores, como Uberaba, dioceses tradicionais como São João d’El Rey ou recém-fundadas, como é o exemplo de Juiz de Fora. Os clérigos que escreviam na revista pertenciam em geral a três congregações: jesuítas, beneditinos e dominicanos, já acostumadas a trabalhar na liturgia do Centro ou em outras atividades. Era comum também transcrever discursos do Cardeal Leme ou outros membros da hierarquia, especialmente se eles dissessem respeito a assuntos de interesse do Centro. Quanto aos leigos, podiam ser membros do Centro Dom Vital (em sua matriz carioca ou de alguma filial) ou egressos da Ação Católica.

Para abrigar tão extensa lista de seções regulares e contribuições avulsas a revista se manteve em um crescente no número de páginas e na periodicidade ao longo da década de 1930. De fato, ela oscilou entre um número mínimo de 64 e um máximo de cerca de 100 páginas por mês, sendo publicada trimestralmente até 1930, quando passou a ser bimestral. A partir de 1931, sua frequência aumentou para um número por mês, com a exceção de 1933,

¹ Lacerda de Almeida, “Santa Angela de Foligno”, *A Ordem*, agosto/1930, pp. 31-50.

² Jacques Maritain, “O Doutor Comum”, *A Ordem*, setembro/1929, pp. 6 – 23.

³ Everardo Backheuser, “Os dois pólos da Terra”, *A Ordem*, maio/1930, pp. 278 – 282.

⁴ Oscar Mendes, “O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico”, *A Ordem*, janeiro/1932, pp. 31 – 45.

⁵ Everardo Backheuser, “Escola Única”, julho-agosto/1933, pp. 527 – 539.

⁶ Alceu Amoroso Lima, “Apologetica e Sociologia de Henri de Tourville – 2 partes”, fevereiro e junho/1930, pp. 22-34 e 227-240.

quando foi publicada a cada dois meses. Eventualmente, as edições de dois meses poderiam aparecer juntas, mas isso era pouco freqüente.

Alguns modelos inspiradores d'A *Ordem* foram as revistas católicas francesas, tais como *Sept* e *La vie catholique*. Ambas tinham em comum a defesa da propriedade presente no bojo da doutrina social católica, com a evolução para uma primeira forma de “democracia cristã”, surgida no início do século XX. Esta era caracterizada por um espírito de anti-semitismo associado ao anti-capitalismo (POLLARD, In: CONWAY & BUCHANAN, 1996: pp. 69 – 96), do qual a revista brasileira herdou as críticas à noção do lucro como o motor da economia moderna, a visão apocalíptica de mundo e um certo apego à Idade Média. Parte desta força inspiradora surgiu pelos desafios comuns enfrentados por católicos de ambos os lados do Atlântico, como os desafios impostos pelas medidas liberais na passagem do século XIX para o XX.

Outro problema em comum era a legislação sobre o trabalho existente nestes e em outros países, a qual permitiu que anarquistas, radicais e comunistas tomassem a liderança das organizações sindicais sem deixar espaço para associações católicas. Por estes motivos, durante a Primeira República, os membros do Centro se imbuíam da idéia de que as pré-condições exigidas para o funcionamento dos sindicatos precisariam ser revistas. A primeira tentativa de implementar algum tipo de lei que atendesse aos interesses da Igreja se deu durante a revisão constitucional de 1926. Seu fracasso deixaria marcas no longo prazo, como mostraria um artigo escrito por Amoroso Lima ainda em 1934, quando afirmou que esta derrota era o fruto da falta da união da bancada católica, que não conseguira naquele momento arregimentar os dois terços necessários para modificar a lei. (AMOROSO LIMA, 1934a: p. 419)

Diante deste quadro de recuperação do poder eclesial combinado com novas ameaças é que se dava a atuação do Centro Dom Vital. Entre os anos de 1931 e 1937, seu presidente tornava público um relatório sobre suas atividades. É possível acompanhar um processo de crescimento no número de membros e de organizações promovidas: se ao final de 1932 o Centro conta com cento e setenta membros, dois anos depois eles chegarão a quinhentos. Diversas instituições nascem de seu interior e em quase todas elas Amoroso Lima recebe um cargo de chefia.

A primeira delas funcionava como uma articuladora das demais associações e foi criada em 1932, com o nome de Coligação Católica Brasileira. Na parte cultural, a Coligação apoiava uma Biblioteca Católica, uma Confederação da Imprensa e um Instituto Católico de Estudos Superiores. Este último será a semente da Universidade Católica do Brasil desejada

ao longo de toda a década de 1930 e finalmente alcançada em 1941. Amoroso Lima participou ativamente da constituição do Instituto, assegurando o curso de “Sociologia e Ação Católica”. A Biblioteca deveria ser um motivador de leituras católicas entre os membros do Centro, enquanto a Confederação se dispunha tanto a produzir material católico para a imprensa quanto a servir como uma comissão julgadora do conteúdo veiculado por este meio. O Centro passa a contribuir para “O Jornal” com uma coluna diária sobre cultura católica a partir de 1935.

A cada novo relatório anual das atividades desenvolvidas, Amoroso Lima reforçava a importância destas ações para a recuperação da hegemonia da Igreja na vida social brasileira. Em alguns momentos esta preocupação assume um tom apaixonado, como após a sublevação militar de 1935, quando Amoroso Lima afirma que o risco da desordem levava as autoridades a perceberem a necessidade de se recuperar a herança católica no Brasil. Por este motivo, era necessário aproveitar a abertura para instaurar “a fecundidade dos princípios teológicos, filosóficos e sociais da Igreja de Cristo”. (AMOROSO LIMA, 1936: 6)

Existe um relativo consenso na literatura produzida durante este período de que esta produção intelectual ajudou a divulgar no Brasil a doutrina social da Igreja, essencial no debate a respeito da legislação trabalhista deste período¹. Uma análise pioneira neste sentido foi a de Alcir Lenharo, sobre a aproximação do corpo social ao corpo místico de Cristo. (LENHARO, 1986) Desta forma, a obediência ao regime político tornava-se um dever religioso. O contra-exemplo dessa união seriam as associações operárias ligadas à esquerda, que ao mesmo tempo contestariam o regime e a autoridade da Igreja. Era deste grupo, sobretudo, que os católicos deveriam se afastar.

Assim como no âmbito do discurso do Estado, influente foi o papel desempenhado pelo Centro no interior do mundo católico. Vários pesquisadores, entre os quais Romualdo Dias e Berenice Brandão, chamam a atenção para seu duplo papel: selecionar e educar uma elite leiga capaz de atuar pelos interesses da Igreja onde fosse necessário defendê-los e arregimentar o apoio passivo da grande massa de católicos. (DIAS, 1996 p. 76 & BRANDÃO, 1975) Amparando-se na formação das organizações operárias no início da década de 1930, Brandão defende a periodização em décadas: na década de 1920, o Centro teria sido um formador da elite; na década seguinte, passaria a atuar no trabalho com as massas, especialmente na difusão do anticomunismo.

¹ Esta questão já havia sido abordada por mim em uma comunicação anterior, intitulada “Alceu Amoroso Lima e a Organização do mundo do trabalho no Brasil (1928-1946)” e apresentada na IV Jornada Nacional História do Trabalho, ocorrida em Criciúma-SC em julho de 2008.

Outra idéia defendida por Brandão é a condenação ao comunismo como forma de conquistar espaço dentro da estrutura burocrática do Estado pós-1930. Segundo ela, “tentar ampliar sua esfera de prestígio junto ao Governo significava para a Igreja diminuir a influência do comunismo”. (BRANDÃO, 1975:73-4) Por sua vez, Rodrigo Patto Mota, em um estudo trinta anos mais recente, considera a década de 1930 como essencial na difusão desta doutrina. (MOTTA: 2002) Como estratégia de combate ao comunismo, o corporativismo seria o sistema sócio-político capaz de garantir a paz social, uma vez que introduziria a co-gestão de empresas. Patrões e operários desfrutariam dos mesmos lucros (porém não em partes iguais, obviamente), o que garantiria a harmonia de interesses.

Damião Duque Farias segue a mesma trilha ao afirmar que a Ação Católica seria uma solução típica de uma “sociedade de massas”, mas reduzida à escala da Igreja. Segundo ele, a diversidade de opiniões políticas seria suplantada pela obediência aos chefes: em primeiro lugar a Dom Leme, e em seguida a Amoroso Lima, presidente da Ação Católica. Estes, por sua vez, por meio de suas pregações, conduziram à acomodação com o regime, como se a luta na qual os católicos deveriam se embrenhar não fosse religiosa antes de ser política. Embora seja interessante por refletir sobre as conseqüências políticas do discurso da Ação Católica, a análise de Damião Farias traz um certo reducionismo ao igualar dom Leme a Amoroso Lima e estes a Vargas.

De fato, em linhas gerais, o discurso entre eles era afinado, o que permitiu que em 1934 Amoroso Lima fosse convidado para fazer parte do Conselho Nacional do Trabalho. (SOUZA, 2002: 153) Apesar disto, não se pode dizer que o líder dos leigos brasileiros estivesse sempre em consonância com o presidente da República: em Outubro de 1930, Amoroso Lima rejeita a maneira escolhida por Vargas para ocupar o poder. Outro momento de discordância foi 1932, quando Amoroso Lima (e a maioria dos membros do Centro) tomam o partido dos constitucionalistas. Por fim, o projeto de corporativismo desejado por cada um deles era distinto.

Outra pesquisadora que se interessou pelas relações entre Igreja e Estado foi Ângela de Castro Gomes, em um artigo em parte amparado por entrevistas com membros do Ministério do Trabalho durante a década de 1930. (CASTRO GOMES, 1987: 88-111) Ela prefere respeitar o vocabulário dos próprios entrevistados, que descrevem a divisão em termos de “revolucionários” contra “políticos”. Os primeiros seriam aqueles que assumiram seus cargos pela força da “Revolução de 1930”, enquanto os últimos seriam aqueles que já tinham algum peso antes da mudança política e que por isso conseguiram sobreviver a ela. Os “revolucionários” seriam mais sensíveis às reivindicações oriundas do movimento operário

autônomo, algo que atemorizava os católicos do Centro. Esses contaram com a ajuda da outra corrente, a dos “políticos”, mais preocupados em destruir o movimento operário existente naquele momento. Foi esta corrente de “políticos” que predominou durante o tempo em que Agamenon Magalhães foi Ministro do Trabalho. Graças a ele e a seu sucessor, Waldemar Falcão, a estrutura dos sindicatos subservientes ao Estado foi consolidada, abrindo espaço para o atendimento de velhas demandas católicas sobre o controle do cotidiano do trabalho, definidas por Amoroso Lima alguns anos antes:

*(...) fazer uma cuidadosa seleção dos funcionários do ministério e particularmente das diretorias sindicais; fixar um conjunto de princípios do sindicalismo brasileiro baseado na cooperação entre as classes sociais; cumprir a legislação social existente; fundar a justiça do trabalho e realizar uma série de publicações destinadas a alimentar uma concepção cristã do trabalho.*¹

Este dado trazido por Ângela de Castro Gomes pode ser conjugado a evidências documentais de que a colaboração entre o Centro Dom Vital e o Ministério do Trabalho originou-se em um período anterior ao Estado Novo. Neste aspecto, o exemplo do jesuíta Leopoldo Brentano é bastante elucidativo. Em 1937, este padre foi trazido de seu trabalho com os operários gaúchos para a presidência da organização nacional de operários fundada pelo Centro Dom Vital. Antes mesmo deste evento, os dois já trabalhavam em conjunto para facilitar a colaboração entre os funcionários do Ministério do Trabalho e os círculos operários. Em 21 de junho de 1935, por exemplo, ele escreve a Amoroso Lima:

*Anteontem partiu, de volta ao Rio, o dr. Jaci Magalhães, irmão do Cap. Juracy Magalhães, primo do Ministro do Trabalho, o qual esteve em P. Alegre desde Outubro como Inspetor do Trabalho interino, reorganizando os serviços e sujeitando a um inquérito o inspetor Guaraci Oliveira, anticlerical e hostilizador dos CCOO. (...) Elaborei um plano de colaboração entre a Inspetoria e os CCOO, cuja cópia remeti ao ministro e vai inclusa para o amigo. Estamos já pondo em prática os itens, conforme surgem as ocasiões. Já foram designados encarregados de Inspetoria na cidade de S. Leopoldo e da Vila de Boa dois elementos dos respectivos círculos OO.*²

O fato de alguém como Brentano submeter uma prestação de contas de seus atos ao redator chefe d’A *Ordem* pode ser visto como uma evidência da importância deste último na configuração da atuação política dos católicos nacionais. Isto vale sobretudo quando se leva

¹ Carta de Amoroso Lima a Gustavo Capanema, citado conforme CASTRO GOMES, A. “Silêncio...”, p. 97.

² Carta de Leopoldo Brentano a Amoroso Lima, 26 de janeiro de 1936. Citado conforme original, disponível para consulta no Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, localizado em Petrópolis - RJ. CCOO era uma sigla comum para “Círculos Operários”.

em consideração que este jesuíta foi elevado ao posto de presidente da Confederação Nacional dos Operários Católicos simultaneamente à gestação do Estado Novo (1937). Em outros termos, a partir da sua atuação intelectual e na organização de instituições da Igreja destinadas aos operários, Amoroso Lima ajudou a moldar a maneira como a Questão Social foi enfrentada no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- AMOROSO LIMA, Alceu. (Tristão de Ataíde), “Obedecendo”, *A Ordem*, dezembro/1928a, p. 5.
- _____. “Adeus à disponibilidade”, *A Ordem*, dezembro/1928b, p. 57.
- _____. “Mais um ano de trabalho”, novembro/1932, p. 325
- _____. “O sentido de nossa vitória”. *A Ordem*, junho/1934a, p. 419.
- _____. “C.C.B.”, *A Ordem* novembro/1934b, p. 324.
- _____. “1935”, *Boletim da Coligação Católica Brasileira*, nº 9, junho/1936, p. 6.
- BRANDÃO, Berenice Cavalcante. *O movimento católico leigo no Brasil (as relações entre Igreja e Estado: 1930-1937)*. [Dissertação de Mestrado]. UFF: Niterói, 1975.
- CASTRO GOMES, Angela. “Silêncio e orações: as relações entre Estado, Igreja e Classe Trabalhadora no Pós-34”. *Revista História e Sociedade*, 1987 (14/2) pp. 88-111.
- "Editorial". *A Ordem*, ano I (nova série), dezembro/1928, p. 6
- “Editorial”, “Um ano de trabalho”, *A Ordem*, novembro/1931, p. 265.
- DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- FARIAS, Damião Duque. *Em defesa da Ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: USP/Hucitec, 1998.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Ed Papirus, 1986.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica na Primeira República*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anti-comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- POLLARD, John. “Italy”. CONWAY, M. & BUCHANAN, T. (orgs.) *Political Catholicism in Europe (1918-1965)*. Oxford: Oxford Press, 1996, pp. 69 – 96.
- SILVA, Valéria Jacó da. *Sociabilidade intelectual católica na correspondência de Alceu Amoroso Lima (1928-1945)*. [Dissertação de Mestrado] Assis: UNESP, 2004.
- SOUZA, Jessie Jane Vieira de Souza. *Círculos operários: a Igreja e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.